

BRAGA—O artistico exterior da capella-mór da Sé

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
33, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado  
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis



# CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,,

Temo-las já impressas, a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archdiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

O referidos Reys. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

# V A G O

## Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.  
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.  
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»  
**BRAGA**

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

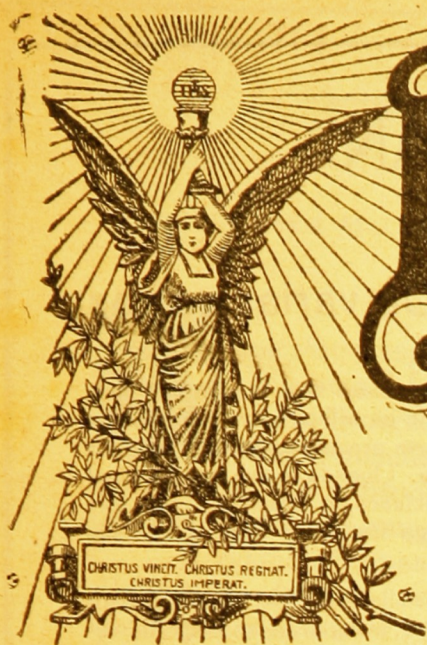
DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..

# V A G O





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

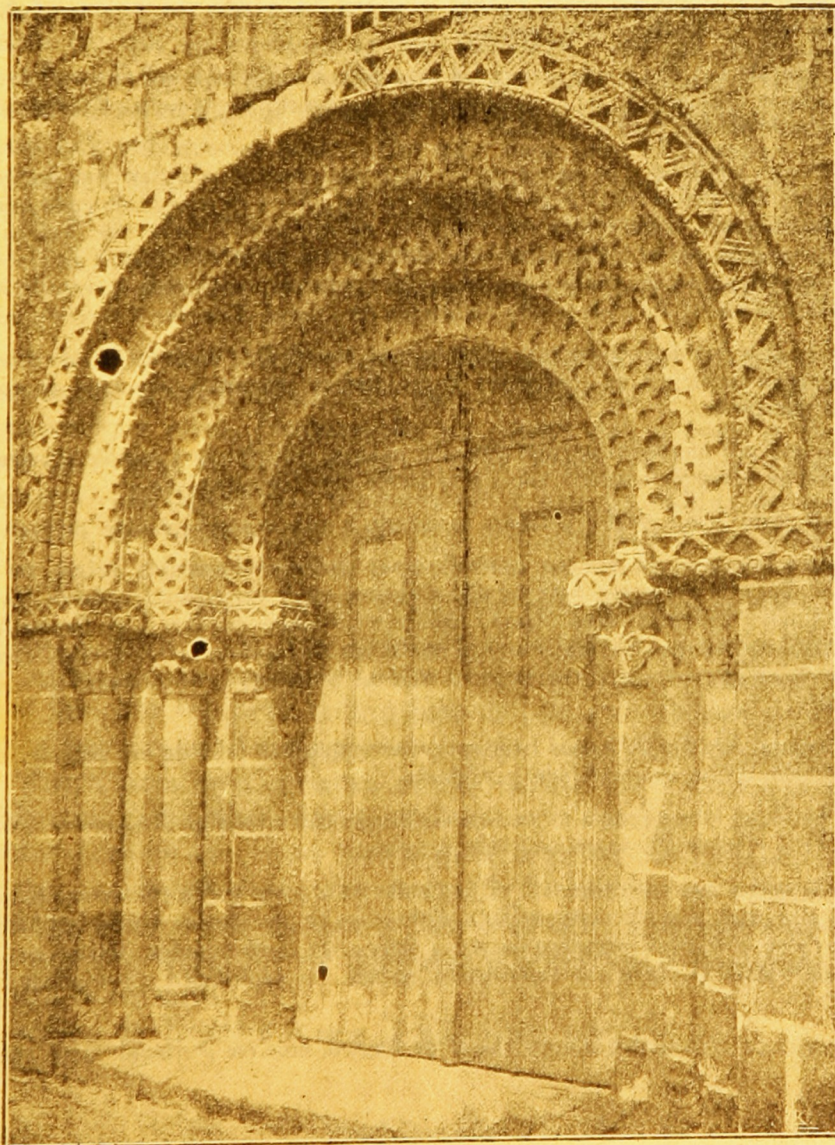
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 1 de Dezembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 231—Anno V

## ARTE ROMANICA



Porta principal da Igreja de Manhente  
(concelho de Barcellos)



# CHRONICA DA SEMANA

## De varias coisas



**O** IÇO e leio ha tempos que o governo prohibiu o jogo. Excelente... se, como vejo, o jogo não continuasse! Mas o jogo continúa, desafora, deflagra, convencido, como os velhos moralistas honestos, de que o exemplo deve vir do alto, e constatando que do alto vem precisamente o exemplo do jogo. Os nomes pouco importam. O facto subsiste. O jogo triumpha. Quando é que em Portugal uma noite de perca á banca franceza originou uma missão de intellectuaes ao Brazil? O jogo, tornado poder do Estado, fonte de manifestações de intelligencia, propaga-se. O jogo faz muito bem, desde que n'este paiz uma prohibição é sempre coisa de effeito contra producente.

Ainda outro dia notei á gargalhada uma coincidencia curiíssissima. O Camartello municipal vae afugentando do centro da cidade as bancas de batota e de rolêta, e ellas, de pirraça correm a installar-se ao longo da estrada da circumvalação, servidas pelo *tramuay* e nas barbas da guarda fiscal das barreiras, em optimas casas, completadas pelo café da orchestra, pelas ceias, pelas tainas, e pelos seus quartos reservados. A' noite eis os electricos atulhados de frequentadores, os trens de praça a rodarem entre graçolas dos bolieiros as escarcalhadas cynicas dos fumantes d'ambas os sexos e o zangarreio doido das guitarras esfalfadas da vida de vadiagem que lhes é propria em terras de fado, fadistas, e máu fadário! Aos domingos e ás noites de Sabbado o cortejo não cessa de desfilar e o pobre morador das estradas dos Suburbios não prêga olho! E' isto um signal de decadencia? Nunca, por nunca! Aos deuses lares o juramos! Isto está dentro da lógica nacional, isto é a sequencia da vida portuguezã em normalidade de crise, isto é, Portugal em jogo. Nada mais, e venha o leitor d'ahi, dos confins do seu espanto retrahido, a verificall'o comigo.

Estamos em guerra. E o que é a nossa participação na guerra? Um jogo, em que ainda não se sabe por certo se perdemos ou se ganhamos, e por isso inutil, dizem uns; um jogo para *nos valorisarmos* [este é o paiz das phrases feitas...], dizem outros.

Estamos em guerra. E o que é a nossa politica de guerra? Um jogo, concordam todos, em que os contribuintes para os luxos dos *prohombres*, são comidos!

A economia domestica o que é hoje, senão um jogo de equilibrio mais que instavel. Nunca, como hoje, se fallou tanto de negocio, e, declaram-no os açambarcadores, o negocio é um jogo. Realisáram-se ha pouco as eleições; foi outro jogo—perdido para o governo!

E' a indecisão que nos afflige, causando-nos, e torturando-nos. E' ella tambem, que, sendo afinal toda a crise, origina profundas desigualdades de vida e de fortuna, sacudindo no amago de cada homem as escorrálhas de revolta que em outras horas, como o lódo nos pantanos, se aquietam. E' ella que deslaça os devêres e obrigações moraes e cria ao lado dos exotismos frenéticos do luxo o gosto pronunciado pelas devassidões procazes. Um Diogenes que andasse agora de candeia na mão pela burguezia enriquecida á cata da honestidade ou, pelo menos, da honorabilidade vulgar em classes não abdicadas da honra, daria por malaventurado o seu afan.

Porque ha hoje, sem duvida o gosto pelo sórdido, não um sórdido de andrajos, de escamas putridas, mas um sórdido de roupagens brilhantes, de apparencias lanfejouladas, faiscantes nos seus adornos, tentadoramente captivante nos seus ademanos

Essa detração que por ahi se faz na vida dos que passam estadeando a recente opulencia nos seus *autos principescos*, — fiquem os senhores sabendo que é geralmente bem fundamentada.

Ha um sinistro gosto pelo sórdido! Estamos assistindo a uma exacerbação de delirio.

O meu livreiro mostrou-me na semana passada umas facturas eloquentes acêrca do estado de espirito d'essa gente. Sabem quaes os livros que hoje me dão dinheiro: os de espiritismo, o de S. Cypriano, e (cheguem cá o ouvido) os de Kock e Rabelais, com algum romance mais rubro do Eça e do finado Abel Botelho! Isto é assim. Vi-o eu nas facturas eloquentes! Não carrégo nas côres do quadro, copio apenas, como copiava se para aqui—depois de convidar as senhoras a retirarem—trouxêsse o variegado vocabulario de calão, em uso e curso apetecido no *monde!*...

Não ha ahi menino de 18 a 20 annos bem aparoados que não falle da sua amante, e ás noites se encafurne, em esbanjamentos, d'uma immoralidade perdularia.

As moças e matronas talvez deitem as cartas: As bruxas estão na alta. A senhora Brouillard, a ex-creada de servir tem uma bella vivenda transmontana onde veraneia...

Parabens ás bruxas e aos espiritistas! E vá de contar os franses que a paciencia, de um empregado de livraria, meu amigo, atravessa, quando certa velhota dinheirosa se vem sentar á mēsa, diluindo olhores vagos sobre os jornaes e revistas, e começa peganhosamente a enfoar, de cinco minutos, talvez com mira n'uma propaganda manhosa:—Pois sr. José... o espiritismo, sabe?... o espiritismo... é mystico! E' mystico, sr. José!

E a cabeça fonsa da vélhota é a cabeça vulgar de Linneu, hoje em Portugal, meus senhores e minhas senhoras! ..

F. V.



# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

## A beira da porta



questão hespanhola tende a aggravar-se. A amnistia politica de que o governo actual faz questão, pode bem ser a casca de laranja em que o *prietismo* role de vez, quererão talvez os membros do gabinete hespanhol, sopesando as tremendas responsabilidades do momento, armar pretexto airoso para uma queda, que a produzir-se somente pelas secretas rasões que a determinam constituiria mais do que ama fraquesa, uma cobardia pusilame? quererão?!

A politica hespanhola vive desde a semana tragica, n'uma phase d'addiamento. A' situação do paiz, ao necessario refrear do desenvolvimento perigoso dos elementos revolucionarios não convem aos processos liberaes. Affonso XIII julgou que podia dominar a onda, deixando-se correr na onda das transigencias e das concessões e alcandorou a politica democratica no seio dos liberaes do avançadissimo Canalejas. Mas a pretensa salvação na formula inconsistente d'uma democracia corôada, morreu na hora tragica em que a balla d'um fanatico cortou a vida do grande hespanhol.

O Rei, nesse momento não ousou encarar a situação de frente e enveredou para as soluções intermedias. O Maurismo triumphava lenta e suavemente e *scie* que nascera d'uma hora do desvairamento de *Maura* no convertia-se, como por encanto no *Maura* si da mocidade irriquieta, do commercio, da industria, do capitalismo. O dominador da Barcelonada, que a maçonaria apresentara ao Mundo, como o assassino de Ferrer reconquistava a opinião.

Por toda a parte se reconhecia já como inevitavel o regresso de *Maura* ao *banco azul*. No momento em que os campos se extremassem, que as aspirações nitidamente se repartissem—d'um lado a nação ordeira e laboriosa e sedenta d'ordem e de progresso, do outro, a onda vermelha da revolução—*Maura* seria necessario no poder.

E os campos extremaram-se, mas o Rei não quiz ver ou recusou ver a situação e foi mais uma vez para as soluções intermedias. Consentiu que Bessada fraccionasse os conservadores em favor de Dato, tentou attrahir os reformistas e... deixou correr.

A situação porê m manteve-se irreductivel, a crise não se solucionou e os gabinetes, que contra-scenaram no tablado politico, foram simples titeres articulados, pelo receio da corôa.

A guerra europeia mais consolidou a formula politica do grande estadista, porque prudente e compensadora neutralidade, em que a Hespanha se tem mantido, foi obra sua. Foi-se aggravando a crise, Surdamente por baixo das grêves a demagogia ameaçava, feroz e, no seio da terra hespanhola lavrava, como as lavas d'um vulcão, a fogueira revolucionaria. Os ministerios fraquejavam e a junta militar de Barcellona n'uma indisciplina patriotica, fez ouvir a sua voz. Mas Affonso XIII ainda uma vez não encarou a situação de cara, addiou, addiou, e ainda no seu eterno *truc* da politica de aprazar, tentou um governo de concentração presidido pelo grande politico, Mas o intento fracassou. *Maura* presidindo a um gabinete heterogeneo, seria apenas um compasso de espera e não poderia realizar o seu vasto programma politico, e por isso declinou o encargo, não por fraqueza ante o jacobinismo que ululava protestos, mas por coherencia politica que é e será sempre a sua maior força. Cahido o governo actual, a corôa chamará *Maura* para uma situação conservadora, tanto mais que Dato e os seus amigos da dissidencia, estão dispostos a retomar o seu antigo lugar? E' possivel que não. Os avançados acenam com uma revolução e a corôa ha de tentar um addiamento ainda, mas terá que inevitavelmente cahir mais dia menos dia, na solução Maurista, ou abandona as transigencias e vae de frente para o perigo, dominando a revolução latente e confiando o poder a quem lhe dê garantias d'ordem ou a Hespanha terá horas sangrentas d'amargura e desvario...

A fórmula sedição de Sagasta é que já não pôde persistir...





# SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
BORGES DA FALPERRA.

XVI

## Napoleão nunca existiu



CONTINÚA Peres demonstrando que Napoleão nunca existiu: «Pretende-se que sua mãe se chamava Leticia. Mas sob o nome de Leticia, que significa alegria quizeram os mythologos designar a *aurora*, cuja luz nascente derrama alegria em toda a natureza, a aurora fecunda do Sol no Oriente, abrindo-lhe as portas, como dizem, com os seus dedos roseos.

Além disso é digno de consideração que a mãe de Apollo, segundo a mythologia grega, chamava-se Leto (*Letó* em grego). Mas, se os Romanos fizeram de Leto, mãe de Apollo, Latona, neste nosso seculo, mais delicado, quiz-se antes fazer a mudança para *Leticia*, porque *laetitia* (latim) é o substantivo do verbo *laetor*, ou de *laeto*, desusado que queria dizer *inspirar alegria*. E' portanto, certo que esta Leticia é tirada, como seu filho, da mythologia grêga. (1)

Segundo o que nos dizem, êste filho de Latona tinha tres irmãs, pelo que se remove qualquer duvida de que estas três irmãs sejam as três Graças, que com as musas suas companheiras eram o ornamento e a delicia da côrte do irmão Apollo.

(1) Valha-me Deus, com tanta nota! Não diz a mythologia grêga qual era o nome da familia, o appellido de Latona. Sabe-se, porém, que a mãe de Napoleão era Leticia *Ramolini*. Ora, como Apollo deu a um filho, que houve de Terpsychore, o nome de *Lino*, entra commigo a suspeita de que o fez para honrar a avó do pequerrucho. Sendo plausivel esta minha conjectura, o nome completo da mãe de Apollo, da estirpe de certo Lino—e *ramo Lini*—condiria precisamente com o da mãe de Napoleão: *Leticia Ramolini*. Digo eu cá isto.

Diz-se ainda que êste Apollo moderno tinha quatro irmãos. Portanto estes quatro irmãos são as quatro estações do anno, como vamos provar. Mas por favor, não se irrite os mal dispostos ao ver as estações representadas por homens e não por mulheres. Em França não deve parecer isso novidade, visto que das quatro estações uma só se conhece de genero feminino, que é o outono; e acrescenta-se que os grammaticos francezes ainda não estão de accordo sobre êste ponto. E em latim é masculino o outono, ao passo que o verão e o inverno são femininos, e a primavera é de genero neutro. Portanto, não se deve levantar difficuldade sobre este ponto, que seria inutil e vergonhosa. Porisso tambem os quatro irmãos de Napoleão podem representar as quatro estações do anno, e taes os manifesta o que passamos a observar.

Conta-se que dos quatro irmãos de Napoleão três forem reis e êstes três são a Primavera, que reina sobre as flôres, o Verão que reina sobre as messes, o Outomno que reina sobre os fructos. E como estas três estações tudo recebem da presente influencia do sol, assim nos dizem tambem que os três irmãos de Napoleão delle reconheciam a realza e não reinavam senão por elle. E quando se acrescenta que dos quatro irmãos de Napoleão houve um que não foi rei, é porque das quatro estações do anno ha uma que não reina sobre coisa alguma, que é o Inverno.»

Continuaremos no proximo serão a erudita demonstração de Peres.



No  
tricentenario  
de Murillo

Este celebre pintor hespanhol foi por antonomasia apellidado o pintor das Immaculadas porque ninguem tratára jamais com tanto amor e intuição artistica esse formoso thema da iconographia christã.

São numerosas e bellas as



obras de pintura deixadas por este notavel artista, que se revelou um mestre quando os franciscanos de Sevilha lhe incumbiram, a troco de uma pequena remuneração, fazer a decoração de um claustro.

Bartholomeu Estevão Murillo não fez só uma notavel galeria de pintura religiosa, mas fixou nas inspiradas telas scenas populares e até vulgarissima. O colorido e a justeza do desenho bem como a inspiração quasi sobrenatural dos seus quadros religiosos fazem de Murillo um dos maiores artistas.

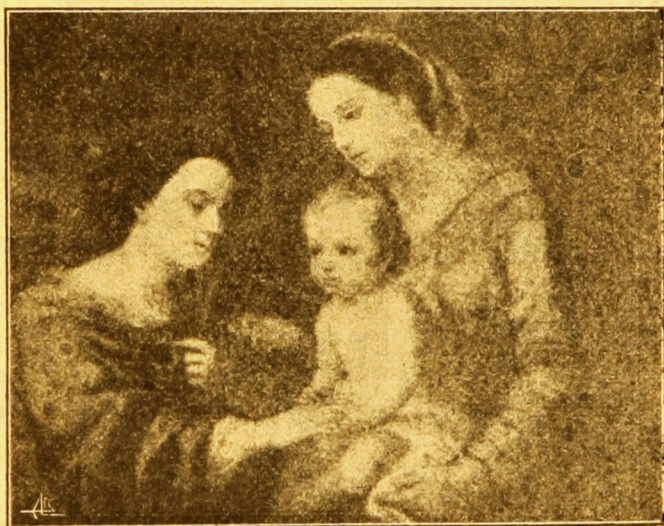
MURILLO (auto-retrato)

• em Sevilha aos 30 de Dezembro de 1617 † na mesma cidade, a 3 de Abril de 1682

OBRAS PRIMAS DE MURILLO



S. Pedro na prisão (Eremitage - Petrogrado)



O casamento de Santa Catharina. (Vaticano)



S. João Baptista. (Museu do Prado - Madrid)



O baptismo de Christo. (Cathedral de Sevilha)





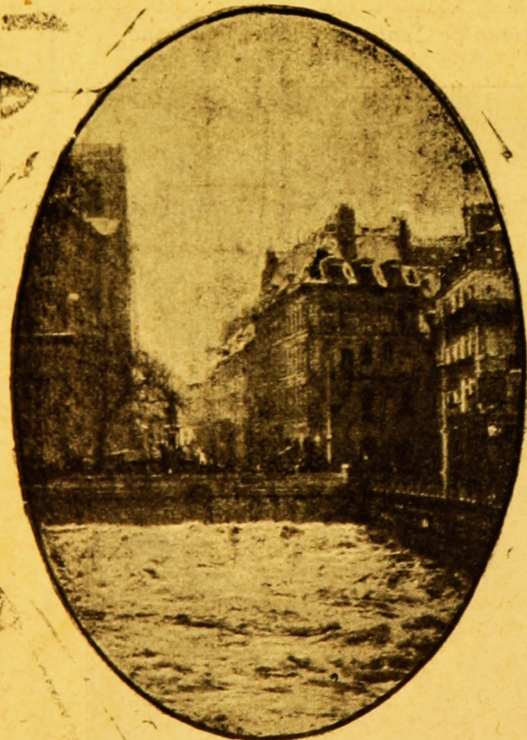
*A Assumpção da Virgem —(Eremitage—Petrogrado)*



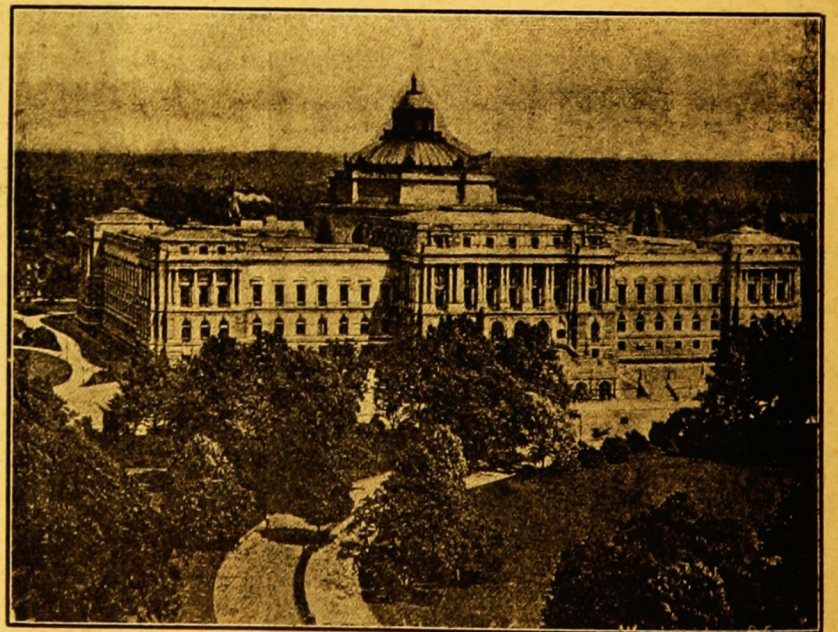
*A velha e o rapaz —(Pinacoteca — Viena)*



# Cidades da Guerra

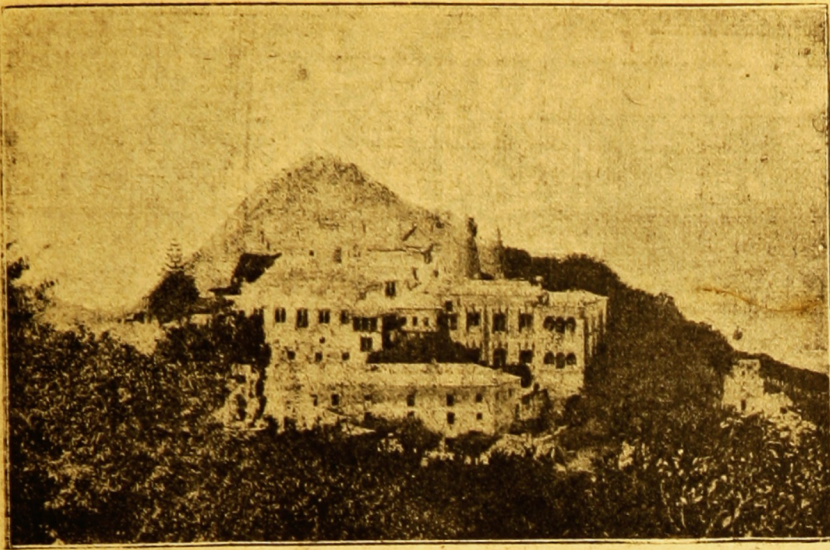


*Uma rua de Veneza*

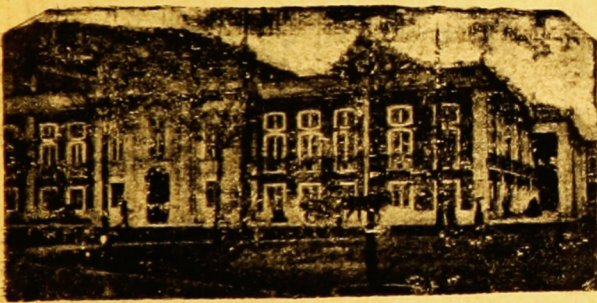
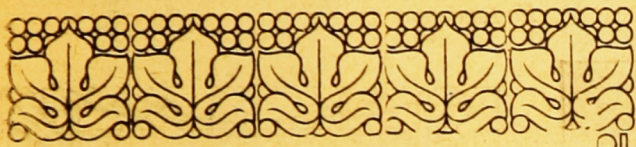


*Washington —Bibliotheca do Congresso*

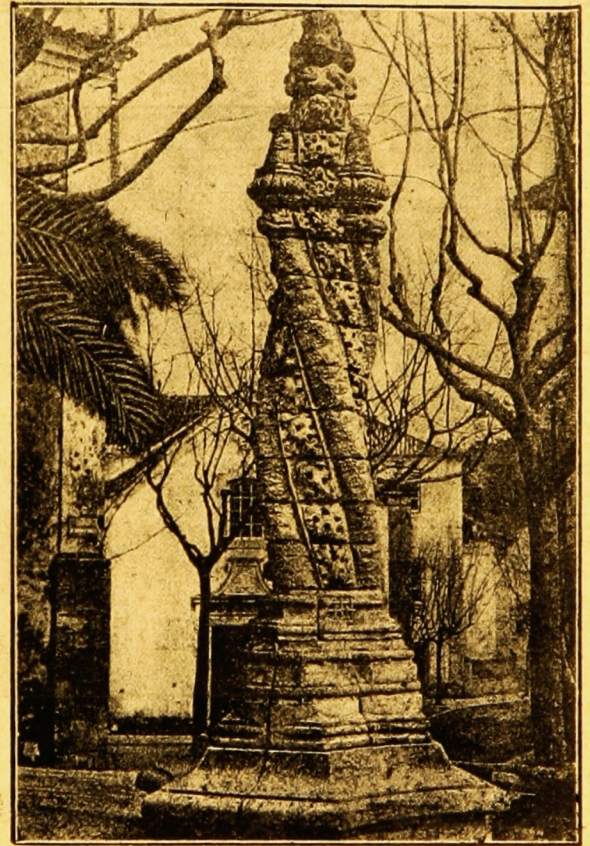




CINTRA—Antigo Palácio Ke



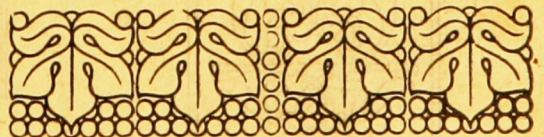
LISBOA—Palácio das Necessidades



CINTRA—A columna manuelina



GUIMARAES—Igreja de S. Miguel  
na qual foi baptisado D. Affonso Henriques  
em 1111



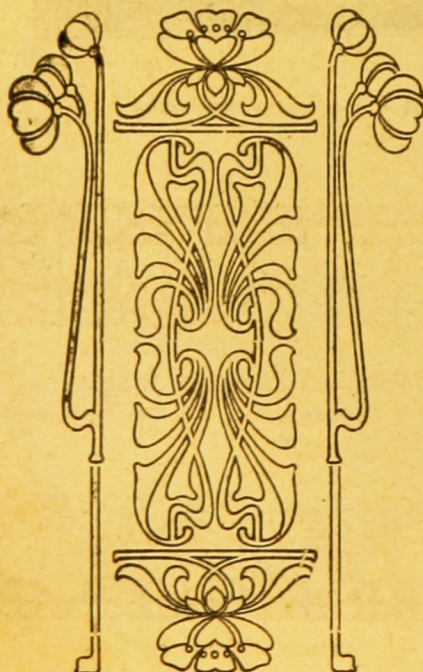
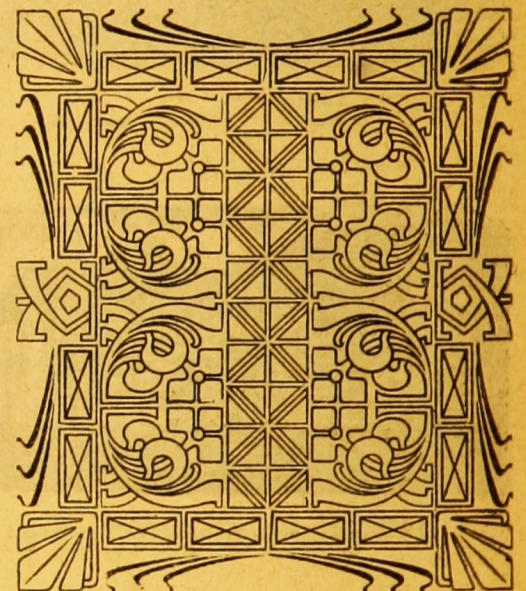




*Merendendo*



*Uma venda ao ar livre*



*Vizeu—Festa de Santo Antonio. Um aspecto do arraial*  
(Cliché de Alípio do S. Vicente)



# PAGINA DA GUERRA EUROPEIA



1—Sharp, embaixador norte-americano em Paris, entregando ao general Joffre o ramo de ouro maciço, que o povo dos Estados Unidos dedica aos heroes da batalha do Marne.

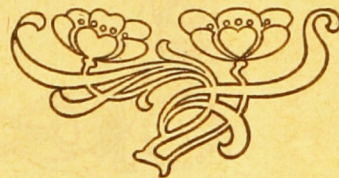
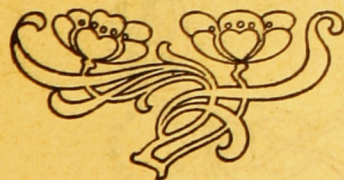
3—Dois couraçados italianos, no fundeadouro Tarento.

2 Um pelotão de soldados argelinos obreviventes aos ultimos combates, recebendo o socorro d'uma ambulancia estacionada n'um bosque na fronteira belga.

4—Um official inglez examinando um abrigo construido pelos allemães e abandonado recentemente por ser alvo do irresistivel canhoneio dos inglezes.



A celebre dansarina holandeza Mata-Hari fuzilada ultimamente pelos francezes por exercer serviço de espionagem a favor dos allemães. A gravura representa-a n'uma dansa exotica.





## Castigo justo

(A' formosa e distincta poetisa Zulmira de Mello)

Um dia, no recesso do jardim  
Onde aureos sonhos vêm falar contigo,  
Foste encontrar o Amor "um deus antigo..."  
Lhe chamas tu, que eu não o entendo assim.

Cerce cortar-lhe as azas de setim  
Pronto resolves, para teu castigo.  
Não vias do peccado o enorme perigo?  
Uma loucura, um sacrilegio, emfim!

E deu-te riso, o riso das maldosas,  
Ao ver o lindo Amor de asas cortadas,  
Longe o carcaz, entre alecrins e rosas!

Mas elle é um deus! e as asas mutiladas  
Crescem de novo, e ás voltas caprichosas,  
Aninha-se em teu peito ás gargalhadas!

*Joavelino.*

(Leia-se o soneto «Logro» que vem na pag. 249  
do numero 174, de 28 de outubro de 1916, d'esta  
revista).

## Apoteose

A' Ex. Senhora D. Zulmira de Mello

Feliz o que nos campos da batalha  
Cai de repente morto pelo chão,  
Vendo ao longe, entre o fumo da metrelha,  
Uma suave e doce aparição;

Feliz o miseravel que trabalha  
Do começo do inverno ao fim do verão,  
E que ao sentir a funebre mortalha  
Morre, tendo nos labios a oração;

Feliz a criancinha melindrosa  
Que tomba como o calix d'uma rosa,  
N'um lucido voar de colibri;

Feliz o que não nasce, o que não vive,  
Porque não tem os sonhos que eu já tive,  
Porque não sofre aquilo que eu sofri!...

Lisboa, 1917.

*Rodrigues Leal.*

## Ao bandolim do coração

VI

## Sonhando

Pensando em ti,  
Sentei-me um dia ao pé da fonte,  
E adormeci.

Depois (não sei se conte!...)  
Sonhei... que me abraçavas  
Com ternura.

Que ventura!

Julguei que me afogavas  
N'um lago de doçura.  
Mas despertei!

(Se eu nunca despertasse!...)

E abrindo os olhos encontrei  
Uma silva a roçar-me pela face!

Quantas vezes a gente encontra espinhos  
Debaixo do velludo dos carinhos!

*Joavelino.*



# Portuguezes na guerra

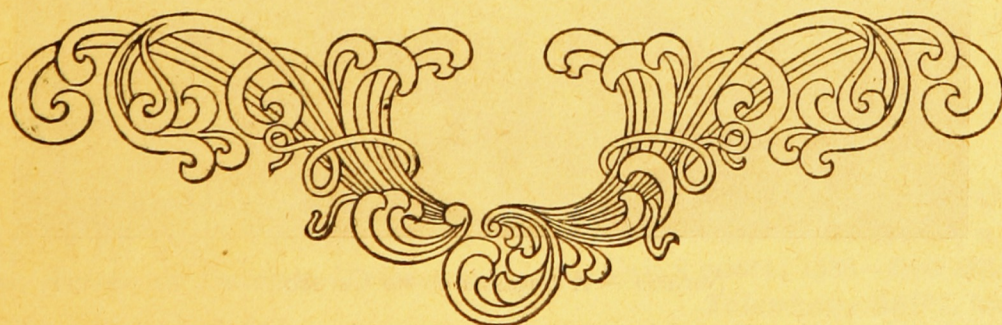
## Contraste e rectificação

**A**S gravuras que documentam as asserções que vamos fazer e que o leitor já viu a pag. 238 d'esta revista, são dignas de que os catholicos portuguezes reflectam nos deveres que a assistencia religiosa em campanha lhes impõe. Essas gravuras foram-nos enviadas de França por um soldado portuguez e traziam escriptas por elle, as legendas que inadvertidamente reproduzimos n'aquella citada pagina. N'uma lia-se: *«o palco onde soldados portuguezes e inglezes representam, e onde todos os domingos um capellão diz missa.»* A outra referia-se a uma sala onde os soldados aprendem canticos religiosos para cantarem durante a . . . missa.

Ora não se tracta de missa alguma, mas sim de OFFICIOS PROTESTANTES promovidos pela celeberrima associação do *triangulo vermelho*, protestante, cujo symbolico distinctivo se vê claramente n'uma das gravuras, sob a falsa neutralidade religiosa e que para melhor captar os nossos soldados lhes faz crêr que as suas cerimoniaes protestantes . . . são missas!

O tal triangulo foi ou vae ser installado, a expensas do ministerio da guerra, por um ministro protestante Alfredo Silva que para as zonas da rectaguarda do sector portuguez partiu ha pouco com o posto e soldo de capitão!! ao passo que os nossos capellães tem, sem soldo algum, o de alferes.

Repare-se no luxo das installações, e digam-nos os catholicos portuguezes se é ou não preciso ajudar a obra dos nossos capellães que pedem livros, jogos e outros meios de distração para contraminar efficaçmente a deleteria propaganda dos estrangeirados protestantes, mantendo uma imparcialidade a toda a prova perante todas as opiniões politicas! Abramos os olhos emquanto é tempo e avisem as familias catholicas os seus parentes que na guerra se encontram! É um dever e é uma obra de educação portugueza. Portugal ou é catholico ou deixará de ser Portugal. A nossa fé não se paga em libras, nem a nossa caridade se vende ao metro como aquellas a que Junqueiro se referia na *Marcha do Otio*.





# NOTAS A FOGO

Do outomno!

**O**UTOMNO... Primeiras chuvas... Céus plumbeos, entardeceres vivissimos de fogo, romperes d'alva palidos, merencórios, cadavéricos, doentinhos... Lufadas de vento picantes, finissimas, cortantes como pontas agudas de lança, começam de fazer nos vibrar agora os nervos—estes malditos que são a maior tortura de nós outros que temos por imperiosa necessidade vivermos a nossa Vida pela nossa Arte... um tanto mais intensamente: são primeiros symptomas d'Outubro... E as folhas que vão amarelecendo, e que são do Outomno bem evidentes quam flagrantes signaes, já nos dão lindos aspectos de côr na sua pathetica e variada colorisação, magia de enlevo e de encanto aos nossos olhos enfeitiçados, inebriando, enlevando... ao restolhar do menor sopro d'aragem, dia além... Bailando ao relento, por horas mortas,—reparai nos seus bailados!... são tragicos phantasmas combativos, de braços esguios negreando á luz morbida do palido luar, repellindo activa e nobremente os arremettidos impulsos do vento,—o grande corredor-phantasma, que, saracoteando-se e cavalgando allucinadamente, qual phantasmagorica-loucura encarnando em espirito incredo de mysterio, lá vae... ávido de percorrer horizontes novos, novos mundos ignorados!

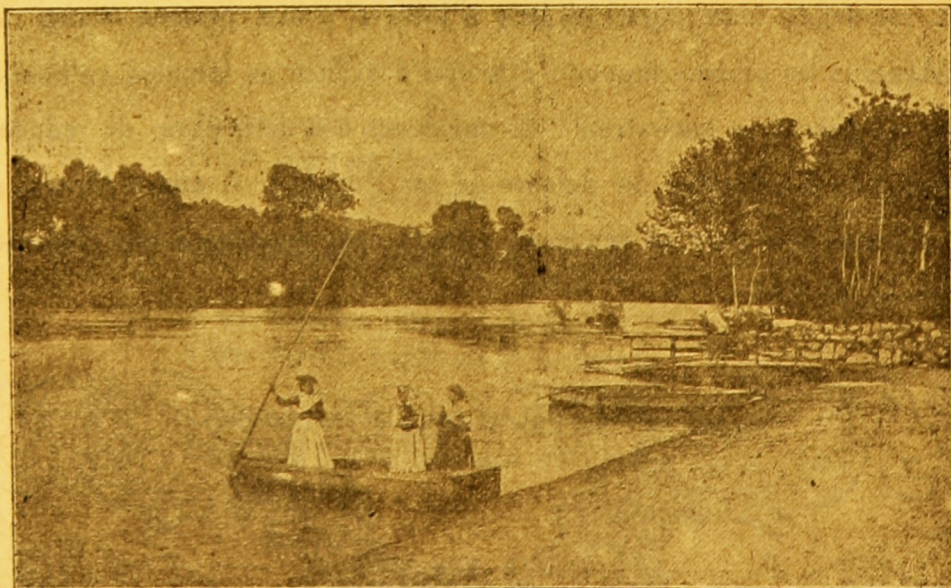
E, olhai-o bem! prescrutando as coisas, assobiando hymnos harmoniosamente, lá segue... lá segue em medonha correria, senhor dos segredos alheios—unico e absoluto senhor de tudò o que vae em roda!

Lá vae... lá vae...—reparae bem! sem comtudo nada dizer do que viu (que o vento é segredeiro a valer...) a quem o não sabe ou não pôde comprehender, porque a imprecisa linguagem do vento é cheiinha de mysterio!

...! Quando tudo nos aponta já uma vida nova de recolhimento e concentração!...

Celorico de Basto—Outomno—917.

*Albano Motta Guedes.*



*Navarra — A travessia do rio Cavado.*



# LIVRARIA CRUZ

## BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.  
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.  
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.  
EDITORA de livros de piedade — *Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*  
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório — Utensilios e modelos para desenho e pintura — **Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

— DE —

## Esculptura em Madeira

— E —

## PINTURA

### Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134 — BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

*Preços modicos*

Contra riscos e guerra ferrestres e maritimos, grêves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.  
º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoá de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

R uado Souto 105-1.º BRAGA

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binocolos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

### Aurelio Monteiro & C.<sup>a</sup>

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588 — RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)



# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**